

**CULTURA LÚDICA E UTILIZAÇÃO DE OBJETOS E MATERIAIS EM  
BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS GUARANI DE UMA ALDEIA DE ARACRUZ – ES<sup>+</sup>**

**PLAY CULTURE AND USE OF OBJECTS AND MATERIALS IN CHILDREN'S PLAY  
ACTIVITIES AT A GUARANI VILLAGE IN ARACRUZ – STATE OF ESPÍRITO SANTO**

*Kleber de Oliveira\**

*Paulo Rogério Meira Menandro\*\**

Oliveira Kde, Menandro PRM. Cultura Lúdica e Utilização de Objetos e Materiais em Brincadeiras de Crianças Guarani de uma Aldeia de Aracruz - ES. *Rev Bras Crescimento Desenvol Hum.* 2008; 18(2): 179-188.

**Resumo:** Os materiais e objetos utilizados como suporte às atividades lúdicas infantis são importantes referências para a compreensão do diálogo simbólico entre as crianças e seu grupo social tendo, assim, relação direta com a realidade sócio-cultural em que estão inseridos, bem como para maior compreensão de sua própria cultura lúdica. Este artigo tem como objetivo a análise da cultura lúdica infantil de um grupo de crianças da etnia Guarani em uma situação específica – uma aldeia localizada na proximidade de núcleos urbanos e passando por situação de disputa territorial – com base no estudo dos materiais e objetos utilizados como suporte ao brincar. Foram acompanhadas 34 crianças de uma mesma aldeia por um período de 20 dias sendo, neste período, realizadas 100 sessões de observação sistemática e anotações livres em diário de campo. Os dados provenientes foram categorizados por natureza do material / objeto utilizado como suporte para a brincadeira, e grupos de brinquedo quanto ao gênero dos participantes: grupos de meninos, grupos de meninas, grupos mistos. Os resultados apresentaram importantes aproximações e distanciamentos com relação a pesquisas realizadas com outras etnias em outras regiões do Brasil, bem como confirmam a importância dos objetos de suporte nas atividades lúdicas. Ao contrário do exposto em etnografias clássicas, o grupo de crianças pesquisadas possui rica cultura lúdica, com utilização de diversos objetos e materiais, inclusive brinquedos industrializados e artesanais.

**Palavras-chave:** Índios Sul-Americanos; jogos e brinquedos; desenvolvimento infantil.

## INTRODUÇÃO

Como parte de um trabalho maior de pesquisa sobre a cultura lúdica de crianças em uma aldeia indígena Guarani no Espírito Santo, este trabalho focaliza sua atenção especificamente nos objetos e materiais utilizados por estas crianças em suas brincadeiras ao ar livre no ambiente da aldeia.

Conforme destaca Benjamin<sup>1</sup>, brinquedos seriam objetivações de um diálogo simbólico entre a criança e seu povo, condicionadas pela cultura, economia e, sobretudo, técnica dos diversos grupos sociais. Teriam os brinquedos, portanto, (seja como produto ou base de produção) relação direta com a realidade sócio-cultural em que estão inseridos, tanto no sistema cultural de maneira geral, como mais especificamente com

\* Mestre em Psicologia (PPGP – UFES) – Professor do Departamento de Psicologia, Faculdade Pitágoras de Linhares – Avenida São Mateus, 1458, Araçá, Linhares, ES. CEP: 29901-396

\*\* Doutor em Psicologia (USP) – Professor do Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo – PPGP / UFES - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 Campus Universitário de Goiabeiras / UFES, CEMUNI VI – CEP 29075-910.

+ Este artigo é parte de Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP – UFES) em 2007, pelo primeiro autor, sob orientação do segundo.

a cultura lúdica das crianças em questão, em nosso caso as crianças da aldeia Guarani de Aracruz – ES.

Da mesma maneira, mesmo com diferentes concepções teóricas, objetos e materiais diversos são apontados na literatura sobre o brincar como presença constante, parte integrante ou ao menos importante das brincadeiras e do brincar nas diversas perspectivas desenvolvidas no campo da psicologia na relação ao brincar e o desenvolvimento humano.

São objetos simbólicos, fenômenos transicionais ou suporte para práticas significantes no campo da psicanálise; instrumentos para o desenvolvimento cognitivo no processo de equilíbrio ou objetos a serem interpretados e significados nas transações, dentro das teorias cognitivas; integrantes de uma zona de desenvolvimento proximal, suportes da brincadeira na relação dialética de ação / operação (I. Leontiev) ou base para o processo de socialização e inserção no mundo adulto, na perspectiva sócio-histórica.

Em relação à sua cultura material, em caracterizações históricas e etnográficas, a criança Guarani foi retratada como possuidora de grandes habilidades manuais e com grande interesse em jogos de construção e artesanato, com produção de brinquedos como bonecos humanos, produzidos com materiais disponíveis na própria natureza como argila, ceras, folhas de palmeira, etc...<sup>3</sup>

No período jesuítico, ainda estariam presentes tais brinquedos tradicionais. Entre o século XIX e o século XX, segundo diversos trabalhos etnográficos, após toda a epopéia de relações com a sociedade envolvente e migrações, estes antigos brinquedos já estariam quase desaparecidos. A habilidade manual e o interesse por jogos de construção continuam presentes nestes relatos, porém mudam os materiais e o tema das produções. Ao invés de bonecos humanos, são produzidos brinquedos como miniaturas de aviões, carros e caminhões; ao invés de materiais da natureza, há utilização de sucatas e materiais artificiais descartados. A cultura material infantil entre as crianças Guarani foi, por fim, retratada como nulidade. Seriam quase insignificantes os objetos propriamente infantis. As

crianças contariam apenas com brinquedos que imitavam objetos dos adultos como arcos e armadilhas de animais<sup>3,4</sup>.

Este artigo tem como objetivo, então, a análise desta cultura material infantil em uma situação específica – uma aldeia localizada em proximidade com núcleos urbanos e passando por situação de disputa territorial – com base no estudo dos materiais utilizados como suporte ao brincar. Para tanto, os dados provenientes da pesquisa de campo foram categorizados por natureza do material / objeto utilizado como suporte para a brincadeira, visando a identificar a proporção de cada categoria no conjunto das observações realizadas. Também relacionamos estes materiais com o tipo de grupo de brinquedo no que se refere ao gênero dos participantes: grupos de meninos, grupos de meninas, grupos mistos.

Pensar estes aspectos torna-se um exercício interessante, sobretudo pela proximidade das crianças pesquisadas com os núcleos urbanos litorâneos e turísticos do município de Aracruz – ES, com o alto grau de contato com a sociedade ao seu redor que esta proximidade traz e a possível influência na cultura material infantil entre as crianças da aldeia Três Palmeiras frente aos relatos clássicos acerca deste aspecto da cultura Guarani.

## MÉTODOS

As crianças participantes desta pesquisa são integrantes dos assentamentos Guarani no Espírito Santo, que estão organizados neste Estado em três aldeias: Piraquê-Açu, Boa Esperança e Três Palmeiras, situadas em uma área indígena demarcada de 7500 hectares, no município de Aracruz - ES. Nesta área vivem cerca de 250 Guarani, distribuídos em 56 famílias. Destes, 56% estão na faixa etária até 15 anos, público alvo desta pesquisa<sup>2</sup>.

A pesquisa de campo foi realizada durante os meses de novembro e dezembro de 2006, em total de 20 dias durante a semana e contou com dois movimentos principais. Em primeiro lugar, recorreremos à observação comportamental sistemática dos grupos de brinquedo, utilizando-se como instrumento uma Ficha de Registro

Cursivo de Comportamento<sup>5, 6</sup>. Cada sessão de observação durou cinco minutos. Ao todo, foram realizadas 100 sessões, com participação total de 34 crianças. Tais procedimentos permitiram quantificar as ocorrências de brincadeiras, utilização de materiais diversos, etc. Os dados foram organizados nas seguintes categorias de materiais utilizados: *natureza* (disponíveis na exploração do ambiente como sementes, galhos, folhas, pedras, animais, etc), *brinquedos* (brinquedos propriamente ditos, industrializados ou artesanais), *sucatas* (materiais diversos já sem uso ou danificados como panelas velhas, pedaços de ferro, madeiras, etc.). Estes dados foram analisados a partir da relação com a variável de sexo dos brincantes.

Paralelamente, foi realizada a observação participante dos grupos de brincadeiras, com registro em diário de campo, buscando interação maior entre pesquisador e o grupo de crianças (maior aproximação, diálogos para compreender as brincadeiras, sugestões de brincadeiras por parte das crianças, acompanhamento de expedições de brincadeira, etc...). Este procedimento permitiu qualificar os dados anteriores e ampliar a compreensão da cultura lúdica destas crianças a partir de suas próprias explicações, da vivência da cultura lúdica local e da convivência direta com as crianças.

## RESULTADOS

Durante a pesquisa de campo presenciamos a utilização de diversos objetos e materiais nas brincadeiras das crianças de Três Palmeiras. Não necessariamente são brinquedos propriamente ditos, ainda que também estes estejam presentes, ao lado de objetos lúdicos disponíveis em seu cotidiano.

Em quase todas as sessões de observações sistemáticas as crianças portavam ou utilizavam um ou mais objetos em seu brincar. Da mesma forma, materiais diversos eram utilizados como suporte para sua atividade lúdica. Eram oriundos da *natureza*, como galhos, sementes, pedras, frutas, matinhos; *sucatas*, como garrafas, plásticos, tampas, frascos, cabos de vassoura; *materiais de construção*, como tijolos, areia;

*objetos* domésticos ou escolares como canecas, canetas, giz; e mesmo *brinquedos* propriamente ditos (artesanais ou não) como bonecas, piões, bolas de borracha, bicicletas.

A tabela 1, a seguir, apresenta uma tentativa de sistematização destas observações quanto à categorização dos objetos de suporte à brincadeira.

Tabela 1 – Objetos e materiais de suporte para Brincadeiras, por tipo de materiais

Tipo de Material de Suporte para a Brincadeira	Ocorrências (%)
Brinquedos (Industrializados ou não)	26,0
Ambiente Natural	22,9
Domésticos / Instrumentos	18,8
Materiais de Construção	16,7
Sucata	12,5
Outros	03,1
<b>Total</b>	<b>100</b>

Quando analisamos cada categoria individualmente, os brinquedos propriamente ditos (industrializados ou não) podem ser pensados como os principais objetos de suporte a brincadeiras entre as crianças de Três Palmeiras, com presença em 26% das sessões de observação.

Foram observados brinquedos dos mais variados tipos e naturezas. Eram brinquedos artesanais como o estilingue, o pião, a zarabatana ou chocalhos de brinquedo. Também presenciamos brinquedos industrializados que são recebidos como presentes de visitantes ou mesmo comprados pelos adultos e que são incorporados na cultura infantil daquela aldeia. São piões de plástico, carrinhos e caminhões de brinquedo, bolas de borracha, bonecas de plástico, ursinho de pelúcia, carrinhos e caminhões, petecas, bolas de gude. Também brincavam com jogos como damas, trilha e dominó que ficavam sob a guarda da escola local. Presenciamos, também, brincadeiras com brinquedos industrializados de maior porte, como a motoneta de plástico, também conhecida como velotrol. Algumas crianças brincavam com bicicletas, que eram mais raras, talvez devido ao preço deste brinquedo. Eram, por vezes, bicicletas grandes, para adultos, utilizadas

por seus pais como meio de transporte.

Entre todos estes brinquedos, alguns dos mais utilizados pelas crianças de Três Palmeiras foram as petecas, os piões, as bolinhas de gude, o estilingue e a bola de borracha. Em todas as visitas à aldeia ao menos um destes brinquedos estava presente nas brincadeiras das crianças.

Além do fato desta recorrência nas observações, estes objetos trazem importantes oportunidades para a reflexão sobre particularidades da cultura lúdica destas crianças, visíveis a partir de sua interação com estes brinquedos.

Primeiro, é possível perceber a diferença na origem dos brinquedos. Em seguida, e ligado ao primeiro aspecto, a relação das crianças com a produção destes brinquedos e a diferença dos materiais utilizados. Em todos as observações as petecas eram industrializadas, evidentemente oriundas do contato com a sociedade envolvente, sendo presentes de visitantes, trazidas por famílias oriundas de outras aldeias ou compradas no comércio das redondezas, etc. Os estilingues eram produzidos na aldeia, por jovens adultos ou pelas próprias crianças, com materiais diversos como madeiras, elásticos, fitas adesivas. Os piões, por sua vez, tinham origem artesanal, inclusive sendo produzidos pelas próprias crianças, porém com a utilização de peças de sucata como tampas de recipientes, tampinhas de garrafa, canetas e lápis (utilizados como eixo), rodinhas de carrinhos. Eram, por diversas vezes, chamados pelas crianças de Três Palmeiras de *beybleide*\*\*\*, em uma clara influência da televisão, afetando de saída a idéia de um pretense purismo cultural.

As crianças agregavam a esta cultura material de brinquedos diversos outros objetos e materiais. Quando agrupamos os materiais disponíveis no próprio ambiente da aldeia (elementos naturais, sucata e material de construção) como uma única categoria esta realidade se evidencia, apresentando um novo padrão. Podemos ver, pela Tabela 1, que em cerca de 52% das sessões observadas algum material deste tipo era utilizado como suporte do brincar entre

as crianças pesquisadas, superando, inclusive, os próprios brinquedos como base e suporte de brincadeiras.

Diversos materiais disponíveis pela aldeia são “capturados” pelas crianças em suas brincadeiras. Alguns eram apenas experimentados e logo descartados. Outros eram manipulados de maneira mais prolongada. Um determinado objeto pode ser usado mais ou menos rapidamente de acordo com a brincadeira a que ele dá suporte. Um bom exemplo é o cabo de vassoura, uma sucata bem comum que pode ser agregada em uma brincadeira de faz-de-conta, virando um cavalinho a ser cavalgado durante longo tempo. Mas também pode ser inserido em uma brincadeira turbulenta, aproveitado como um taco para bater em coisas e logo em seguida largado. E mesmo quando descartada, uma sucata pode ser retomada por outra criança, que iniciava sua própria brincadeira aproveitando as possibilidades físicas da sucata para ser manipulada ludicamente.

Importantes elementos não-naturais disponíveis no cotidiano da aldeia são as próprias construções, que proporcionavam ricas possibilidades de interação lúdica. Destacam-se aquelas estruturas que disponibilizavam um elemento muito valorizado pelas crianças no período do ano em que a pesquisa foi realizada (verão): a *água*. Banheiros externos, torneiras diversas, tanques de lavar roupa, pias, eram locais muito frequentados pelos pequeninos, que se divertiam com a água, buscando se refrescar do calor deste período. Outro elemento a ser destacado seria o telefone público da aldeia. Principalmente as meninas interagiam bastante com o “orelhão”. Grupos de crianças, de idades variadas sempre iam atender as chamadas, conversando com as pessoas que ligavam, chamando os adultos que eram solicitados nas ligações e observando o desenrolar da conversa e a utilização do aparelho.

Ampliando o foco para os dados provenientes de nossa observação participante, sem sombra de dúvida a relação com o ambiente e com a exploração lúdica dos materiais disponíveis pela aldeia supera bastante qualquer outro tipo de

\*\*\* Famoso desenho animado japonês que tem como tema batalhas de piões estilizados, de grande audiência na televisão, veiculado em programas infantis.

suporte às atividades lúdicas infantis na aldeia. Este dado se aproxima bastante da realidade retratada na historiografia e etnografias da etnia Guarani, cujas crianças, conforme já salientado, apresentariam certa predileção por este tipo de material em suas brincadeiras de construção, momento em que colocariam em exercício suas reconhecidas habilidades manuais.

Reforçando este aspecto, os elementos da natureza tais como frutas, areia, matos, gravetos e galhos, como categoria isolada, aparecem como a segunda maior ocorrência nas sessões de observação (22,9%), perdendo apenas para os brinquedos.

Seja em expedições próprias para isso ou

não, ou em momentos específicos durante o dia, grupos de crianças eram diversas vezes envolvidos na brincadeira de pegar frutas e depois reuni-las para comê-las. Animais também fazem parte de brincadeiras. Pássaros são acertados com os estilingues e presos em gaiolas. Armadilhas são preparadas para capturar pequenos animais que ainda andam pelo remanescente de mata atlântica do interior da reserva. Os cachorros e galinhas também sempre estão por perto.

Foram observadas também diferenças significativas na utilização de objetos e materiais das brincadeiras em relação ao sexo dos brincantes – meninos ou meninas. Estas relações são apresentadas na Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 – Objetos e materiais de suporte de brincadeira, por gênero (%).

<b>Tipo de Material de Suporte</b>	<b>Meninos</b>	<b>Meninas</b>	<b>Grupo Misto</b>	<b>Total</b>
Natureza	18,2	31,8	50,0	100
Sucata	58,3	-	41,7	100
Material de Construção	37,5	37,5	25,0	100
Brinquedos	52,6	21,1	26,3	100
Domésticos / Instrumentos	44,4	22,2	33,3	100

Foram poucas as observações de meninas brincando com materiais de sucata, e nenhuma ocorrência de grupo exclusivamente formado por elas com utilização destes materiais como suporte da brincadeira.

Por outro lado, quando falamos de materiais da natureza, as brincadeiras com participação exclusiva de meninas saltam para quase 32% desta categoria, contra 18% de sessões com grupos exclusivamente masculinos. A exploração do ambiente natural se dá também pelo aproveitamento de oportunidades que esse ambiente traz, como frutinhas que caem de árvores, prontos para serem pegos pelo simples prazer do ato de juntá-los, gravetos soltos pelos caminhos para serem arrastados ou usados para bater em alguma estrutura. Nas brincadeiras das meninas estes materiais estão muito presentes e são importantes principalmente em suas brincadeiras de casinha (matinhos, gravetos, frutinhas, animais...). Elas são vistas diversas vezes pacientemente procurando e juntando sementinhas que por aca-

so estivessem pelo chão, colocando-as em saquinhos ou juntando-as nas mãos ou nas roupas.

Outro ponto interessante nas brincadeiras das meninas era a interação com as crianças menores, que ficavam sob seus cuidados. Os carrinhos de bebê e andadores também se transformavam em brinquedos, para elas próprias e para outras crianças que ficavam ao redor, explorando as propriedades destas peças e de seus integrantes – os bebês.

A brincadeira com materiais de construção (tijolos, areia, pedras...) também apresentou importantes aspectos com relação ao sexo dos brincantes. Meninos e meninas apresentaram a mesma proporção de sessões em que estes materiais estavam constituindo a principal base da brincadeira, girando em torno de 37% das observações sistemáticas em ambos os casos. O interessante neste caso foi a existência de um padrão diferenciado entre os sexos, sendo que a forma de utilização dos materiais de construção foi bem diversa entre os grupos de meninos e os

de meninas.

As “pedrinhas” estavam presentes em brincadeiras tanto de meninas como de meninos. Quando a brincadeira envolvia o próprio monte de pedras de brita, em geral se desenvolvia em grupos mistos, que se juntavam para escorregar no monte de pedras. Nos grupos de brincadeira divididos por sexo, surgia a diferenciação no padrão das brincadeiras com este material. As meninas costumavam brincar com estas pedras quase que exclusivamente como peças do “jogo de pedrinhas”, que se organizavam em grupos quase exclusivos de meninas. Os meninos, por sua vez, utilizavam as pedras de brita como munção de seus estilingues e em brincadeiras de observação como, por exemplo, aquela onde testavam o magnetismo entre duas pedrinhas, raspadas uma na outra.

O tijolo era outro tipo de material de construção muito presente nas brincadeiras, já que havia uma pilha deles próxima à cabana central, o local mais apreciado para as brincadeiras. Com este material, a diferenciação na dinâmica das brincadeiras de meninos e meninas pareceu ser ainda mais evidente. Os meninos não foram vistos brincando na pilha de tijolos em si, mas buscavam brincar retirando os tijolos de seus lugares reagrupando-os para formar novos espaços de brincadeira (“ônibus” e “caminhões” imaginários) dentro de seus jogos de faz-de-conta. Também aproveitavam cacos e pedaços de tijolos para riscar o chão da cabana central, na falta do giz branco. Mesmo assim, as duas formas de brincar com tijolos alcançam frequência de ocorrências bem menor na comparação com as meninas.

As meninas brincavam com os tijolos principalmente na própria pilha como um todo. Poderíamos dizer que elas brincam *nos* tijolos, mais do que *com* eles. Levavam para lá alguns matinhos, garrafas com água, pequenos utensílios, bonecas ou animais e ali brincavam de casinha, apoiadas na pilha de tijolos, que era reconfigurada de acordo com as necessidades da brincadeira ou da criança que brincava: os tijolos tornavam-se mesa, fogão, casinha de cachorro ou eram arrumados de acordo com a altura da criança de maneira a facilitar sua interação.

Por fim, voltando à análise do uso de brin-

quedos propriamente ditos, a predominância dos meninos é evidente, independente da natureza do mesmo (industrializado ou artesanal). Apesar do número próximo de observações gerais entre meninos e meninas (56% e 44% respectivamente), nas sessões de observação que continham brinquedos, mais da metade dos casos ocorriam exclusivamente com meninos, individualmente ou em grupo. Ao contrário, as ocorrências exclusivamente com meninas representaram apenas 22,2% das sessões de observação.

## DISCUSSÃO

Mesmo próximos de centros urbanos locais e relativamente a poucos quilômetros da capital do Estado, Vitória, encontramos na aldeia Guarani de Três Palmeiras situações e possibilidades que configuravam uma cultura lúdica diferenciada com relação aos padrões encontrados entre as crianças vizinhas, da chamada “sociedade nacional envolvente”. Com relação à realidade de outras etnias encontramos aproximações e distanciamentos importantes a serem considerados. Também, de maneira geral, os dados apresentados acima apontam para uma realidade entre os pequenos Guarani de Aracruz – ES bem diferente em relação às etnografias clássicas para esta etnia. Ao contrário, conforme esperado a partir dos referenciais da psicologia, percebeu-se que os objetos e materiais diversos constituem parte importante das brincadeiras também entre as crianças Guarani de Três Palmeiras.

De maneira similar a outros grupos indígenas de outras regiões do Brasil<sup>7,8,9</sup>, grande parte das brincadeiras desenvolvidas na aldeia Três Palmeiras possuía como suporte objetos, materiais ou espaços disponíveis no próprio ambiente, fossem eles artificiais como tijolos, brita, construções ou naturais como árvores, pedras, galhos, folhas, água, etc. A exploração do ambiente da aldeia por grupos de crianças de diferentes idades favoreceu a constituição de um espaço amplo e variado para o desenvolvimento de diversas brincadeiras e interações lúdicas com o local. Tal processo era apoiado pelas concepções sócio-culturais prevaletentes entre os Gua-

rani acerca da criança e de sua formação, que proporcionam relativa liberdade para as crianças em tal exploração das potencialidades do ambiente e de si mesmas, fato também apontado por aqueles trabalhos.

Nas suas brincadeiras e na utilização de materiais diversos, as crianças da aldeia Guarani de Três Palmeiras falam do seu conhecimento sobre o ambiente com sua flora e fauna, seja pegando frutas ou armando armadilhas para pequenos animais. Mostram também a sua compreensão de fatores relacionados à construção de diferenciações de seu grupo social, como a valorização da língua Guarani, a reprodução de padrões de seu dia-a-dia e a relação com seu entorno como carros, tratores, professores e escolas, computadores e figuras da televisão.

As brincadeiras com piões, estilingues, bolas de gude e da peteca pareceram oportunidades interessantes para a reflexão sobre esta interação entre os contextos culturais e o papel das crianças neste processo. Ao contrário das propostas de Schaden<sup>4</sup>, pensamos que a presença destes brinquedos industrializados e de suas temáticas não representa, *necessariamente*, um sinal de aculturação ou perda da cultura Guarani. Ao contrário podem ser oportunidades de pensar e questionar justamente o alcance e limites deste tipo de proposta.

As petecas (similar ao estilingue) são brinquedos conhecidos e considerados itens do folclore do Espírito Santo e peça “tradicional” das brincadeiras de crianças das diversas partes do país. Também o pião aparece como parte da cultura lúdica nacional brasileira e no folclore capixaba, descrito como um brinquedo de madeira com ponta de prego, acionado por uma fivela ou cordão, que quando puxada o faz girar<sup>10</sup>. Poderíamos, portanto, apressadamente tomar a presença destes brinquedos entre as crianças estudadas como um claro exemplo de interferência do contato na “cultura tradicional” das crianças Guarani, sinal de sua aculturação ou resultado da fricção interétnica na história do contato.

Ocorre que a própria historiografia e a etnografia Guarani apresentam a peteca como um brinquedo “tradicional”<sup>3,4</sup>. Ratificando esta

descrição, tanto Pacheco e Neves<sup>10</sup> como Friedmann<sup>11</sup>, apontam o brinquedo e seu próprio nome como originário de culturas indígenas, mais propriamente Tupi, atribuindo à palavra peteca o significado de “bater”.

Caminho inverso faz o pião (de maneira similar à bola de gude). Apontado pelos mesmos trabalhos historiográficos e etnográficos como um brinquedo tipicamente Guarani, também é um dos vários casos de brinquedos e brincadeiras que estão presentes em culturas diversas, sincrônica e diacronicamente. Segundo Zatz, Zatz e Halaban<sup>12</sup> piões de argila foram encontrados por arqueólogos em tumbas babilônicas datadas como oriundas do ano 3.000 a.C. Seriam, ainda, encontrados na Grécia, Índia, Rússia, Japão, entre os aborígenes da Nova Zelândia e na Europa medieval.

Ora, encontramos uma situação cuja estrutura apresenta-se inversa no padrão do relacionamento com os dois brinquedos. A peteca seria uma peça “tradicional” indígena, incorporada à cultura nacional, mas elaborada de maneira “não tradicional” o que seria sinal de perda cultural; O pião seria uma peça “tradicional” porém incorporada de outras culturas no tempo e no espaço e elaborada de maneira “tradicional”, o que demonstraria alguma preservação cultural (mas, para complicar, nomeada de maneira moderna e compartilhada com outras culturas).

O exemplo destes brinquedos poderia ser pensado, então, como o processo de atualização e de produção cultural realizado efetivamente pelas próprias crianças em seu brincar, coerente com o fato básico de que a cultura é dinâmica, já que relacionada a uma visão de mundo e conjunto de significações que são vivas, pois ligadas à vida<sup>13</sup>.

Outro resultado a ser discutido é a relação entre sexo e materiais da brincadeira, que apontou diferença significativa de ocorrências, em prol dos meninos. Esta diferença poderia ser explicada por dois fatores. Em primeiro lugar, alguns interditos na cultura lúdica das crianças, que apresentavam divisão sexual dos brinquedos algumas vezes rígida e mais favorável aos meninos, como nos casos da bolinha de gude e do pião.

Em segundo lugar, a natureza da ocupação espacial e laboral das meninas, pode ter influenciado as observações. O fato das meninas ocuparem por mais tempo o espaço doméstico juntamente com seu papel no cuidado com os bebês diminuiu bastante a possibilidade de serem observadas com brinquedos. Também os brinquedos considerados exclusivamente “de meninas” como a boneca e o ursinho poderiam ser utilizados em brincadeiras que reproduzem o ambiente doméstico, podendo favorecer brincadeiras no interior das casas, locais onde não realizamos observações.

Interessante notar que o urso de pelúcia, por ser de material mais maleável, permitia às meninas carregá-lo de maneira a reproduzir a técnica corporal de transporte de bebês apoiados sobre a cintura. Também ficavam segurando-os ou mesmo abraçados a eles sentados em algum local, observando o cotidiano da aldeia.

Com relação às diferenças apresentadas entre meninos e meninas os resultados são similares ao apresentado por estudos realizados com outras etnias. Assim, as meninas, em comparação com os meninos, apresentaram padrão de maior cuidado e elaboração na utilização dos materiais de construção em suas brincadeiras, principalmente as fantasias de casinha. Similar ao apresentado por Bichara<sup>7</sup> para os Xocó de Sergipe, esta diferenciação está apoiada na divisão das temáticas preferências das brincadeiras: também entre as crianças Guarani as meninas manipulavam os materiais como apoio a suas brincadeiras de casinha e cuidados infantis. Já entre os meninos, arrumações destes materiais reproduziam meios de transporte com ônibus e caminhões.

Não podemos deixar de destacar que a formação dos grupos de brinquedo, de maneira geral, apresentava mistura entre meninos e meninas, formando, assim, grupos mistos com relação ao sexo. Isto poderia ser observado principalmente nos momentos em que as crianças exploravam seu ambiente na busca por frutas, correndo atrás de folhas, caminhando pelas estradas entre as aldeias e pela matinha da área indígena.

Diferem, assim, da realidade descrita para

os Xocó de Sergipe que, na pesquisa realizada por Bichara<sup>7</sup> apresentaram grande segregação por sexo, presente em 82% dos episódios de brincadeiras observados. Também entre os Parakanã a diferenciação na formação dos grupos foi observada e ressaltada por Gosso<sup>9</sup>, que considera que suas crianças costumam preferencialmente brincar com companheiros do mesmo sexo e grupo etário. Nos casos Xikrin<sup>14</sup> e A'uwe Xavante<sup>8</sup> há relatos tanto de brincadeiras conjuntas, como segregadas por sexo.

Entre as crianças que acompanhamos, grupos de brincadeira radicalmente segregados por sexo só foram observados praticamente em duas situações: na brincadeira de casinha, na qual só as meninas se envolviam, e na brincadeira de futebol, na qual só os meninos brincavam. Mesmo naquelas outras brincadeiras em que havia algum tipo de interdição por sexo, em geral o outro grupo estava ao menos próximo, participando indiretamente da mesma, seja assistindo o desempenho dos brincantes, seja interagindo com eles, ou seja, brincando indiretamente.

Isto não quer dizer que não exista tal diferenciação. Meninos e meninas possuíam brincadeiras diferentes, um padrão universal também encontrado entre as crianças Guarani. Brincavam com brinquedos diferentes, sendo que alguns objetos lúdicos como piões e bolinhas de gude eram praticamente interditados para as meninas. Em algumas ocasiões em que brincavam com os mesmos materiais, o padrão de utilização poderia ser diferente nas brincadeiras de cada um dos sexos, como acontecia com os tijolos ou com galhos de árvores, por exemplo.

Ainda que nem todo suporte material seja adequado a qualquer brincadeira, como bem salientou Leontiev<sup>15</sup>, a variedade e a amplitude ambiental junto a esta “liberdade de atuação”, favoreceram o desenvolvimento de modalidades diversas do brincar, dando suporte para grande variedade de atividades lúdicas como as brincadeiras motoras, brincadeiras simbólicas, jogos de regras, atividades turbulentas, explorações, etc.

Nos deparamos com uma realidade na qual as crianças recebem, mantêm e desenvolvem uma cultura lúdica extremamente viva, rica e variada, uma parte fundamental de seu desen-

volvimento físico, cognitivo e social como integrantes do grupo em que se inserem. Tal riqueza lúdica não está necessariamente apoiada em objetos propriamente considerados brinquedos (no sentido de serem produzidos especificamente para a atividade lúdica). Antes, e aí se mostra mais uma vez a riqueza desta cultura, está apoiada justamente na experimentação e na fantasia que permite utilizar os diversos materiais nas brincadeiras.

Acreditamos que o conceito de etnicidade<sup>16, 17</sup> renderia mais para pensar a situação e a dinâmica do contato interétnico destas crianças. De acordo com suas potencialidades como sujeitos criativos e ativos, dentro de seus limites sócio-históricos (devido à situação de seu povo em sua inserção local e nacional) e cognitivos como crianças, elas vão construindo novos traços diacríticos, diferenciações frente a outras crianças não-índias, mesmo a partir de objetos emprestados de

fora de sua cultura, que são re-significados a partir de sua práxis nas brincadeiras.

Os resultados, enfim, apresentaram importantes aproximações e distanciamentos com relação a pesquisas realizadas com outras etnias em outras regiões do Brasil, bem como confirmaram a importância dos objetos de suporte nas atividades lúdicas, conforme proposto pelos referenciais expostos acima, no campo da psicologia. Por outro lado, cabe ressaltar o fato da pesquisa aqui relatada ter sido desenvolvida em um período relativamente curto e específico do ano. Neste sentido, a realização de mais pesquisas com maior duração, e o envolvimento de outras aldeias e etnias da própria região poderiam apresentar padrões diferenciados na utilização dos materiais em relação, por exemplo, às estações do ano, contribuindo para o aprofundamento da compreensão dos aspectos apresentados neste trabalho.

**Abstract:** The materials and objects used as a support to children's recreational activities are important references to understand the symbolic dialogue between children and their social group (thus, they are directly related to the socio-cultural reality around them), and to better understand children's play culture. This article aims at examining the play culture of a group of children of the Guarani ethnic group in a specific situation - a village near urban nuclei that is undergoing a situation of territorial dispute -, based on the analysis of materials and objects used as a support to the play activity. In the study, 34 children from the same village were observed during 20 days. In this period, 100 sessions of systematic observation were carried out, and notes were registered in a field diary. The data were categorized by type of material / object used as a support to the play activity, and by toy groups regarding the gender of the participants: groups of boys, groups of girls, mixed groups. The results showed significant similarities and differences with respect to research conducted with other ethnic groups in other regions of Brazil, and confirm the importance of supporting objects in recreational activities. Contrary to what is exposed in classic ethnographic research, the group of surveyed children has a rich play culture, with the use of diverse objects and materials, including industrialized and handicraft toys.

**Keywords:** South American Indians; Games and Toys; Child Development.

## REFERÊNCIAS

1. BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
2. Censo demográfico Guarani / Tupiniquim. FUNAI – Aracruz – ES, 2006.
3. METRAUX, Alfred. The Guarani. In: STEWARD, Julian H. (Org). The Handbook of South American Indians – vol III: the tropical forest indians. Nova York: Cooper Square Publishers, 1963.
4. SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: EPU, EDUSP, 1962.
5. FAGUNDES, Antonio Jayro da Fonseca Motta. Descrição, definição e registro de comportamento. São Paulo: Edicon, 1982.
6. DANNA, Marilda Fernandes; MATTOS, Maria Amélia. Ensinando observação: uma introdução. São Paulo: Edicon, 1996.

7. BICHARA, Ilka Dias. Crescer como índio às margens do Velho Chico: um desafio para as crianças Xocó. In: KOLLER, S.; LORDELO, E; CARVALHO, A. M. A. Infância brasileira e contextos de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo / Salvador: UFBA, 2002.
8. NUNES, Ângela. A sociedade das crianças A'wue-Xavante: por uma antropologia da criança. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Inovação Educacional, 1999.
9. GOSSO, Yumi. Peixe oxemorai: brincadeiras infantis entre os índios Parakanã. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
10. PACHECO, R.; NEVES, L. G. S. Índice do folclore capixaba. Edição do autor: Vitória, 1994.
11. FRIEDMANN, Adriana. A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais. Petrópolis: Vozes, 2004.
12. ZATZ, Sílvia; ZATZ, André; HALABAN, Sergio. Brinca comigo!: tudo sobre o brincar e os brinquedos. São Paulo: Marco Zero, 2006.
13. LARAIA, Roque. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
14. COHN, Clarice. A experiência da infância e o aprendizado entre os Xikrin. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A; MACEDO, A. V. L. S. (org) Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.
15. LEONTIEV, Aléxis. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A.N.; LURIA, A.R. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1992.
16. BARTH, Fredrik. Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference. Boston: Little, Brown and Company, 1969.
17. VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de "etnicidade" na obra de Fredrik Barth. Mana, 10 (1), 165 – 192, 2004.

*Recebido em: 25/02/2008*  
*Modificado em: 30/03/2008*  
*Aprovado em: 29/04/2008*